# A interface morfologia-semântica: perspectivas de análise e subsídios para o ensino de língua portuguesa

Maria Lucia Leitão de Almeida (UFRJ)
Carlos Alexandre Victorio Gonçalves (UFRJ)

## Palavras iniciais

Desde que o foco principal das investigações lingüísticas recaiu na independência dos componentes da gramática, a semântica foi posta à margem dos estudos da linguagem, reproduzindo, de algum modo, a determinação bloomfieldiana de que seu lugar talvez fosse a psicologia, já que trata de representação mental.

Assim, os estudos em semântica e, logo, o seu ensino, para melhor compreensão dos fatos da língua, parecem ter parado nas atividades de levar os alunos a verificar relações lexicais que são, na maior parte das vezes, inconseqüentes, porque desvinculadas as palavras de seus contextos de uso. Pretendemos mostrar, neste trabalho, o papel que a semântica pode desempenhar na melhor compreensão dos fatos morfológicos do português. Para tal, partimos de aspectos apontados pela professora Dra. Maria Aparecida Lino Pauliukonis, que, em sua conferência, "Reflexões e propostas para o ensino da Língua Portuguesa"[3], sugeriu que a escola diminuísse a ênfase na metalinguagem e desse mais importância ao manejo da língua. Esse manejo pode se dar em diversos níveis – no do texto, no da sentença, no da palavra. E como isso pode ser traduzido no ensino? Que ponto de vista permitiria ao professor levar os alunos a compreender os fatos morfológicos do português?

## Manejo da palavra: a interface morfologia /semântica

Embora seja bastante comum evidenciar a natureza heterogênea e dinâmica da língua, a morfologia parece se restringir, nos compêndios gramaticais, à observação de fatos já cristalizados e imutáveis: descrição dos processos de flexão e listagem dos processos de derivação.

[3] O texto referente a esta conferência encontra-se nestes *Anais da II SELP*.

Pesquisas recentes (Gonçalves, 2004) têm capturado novos e insuspeitos aspectos dinâmicos da criação lexical, que envolvem processos morfológicos regulares. É assim com o estudo dos cruzamentos vocabulares ('chafé' << 'cha' + 'café'), dos truncamentos ('salafra' << 'salafrário'), da reduplicação ('pega-pega') e dos hipocorísticos ('Malu' << 'Maria Lúcia). Além do mais, tem esse pesquisador verificado, também, que, ao lado desses fenômenos, que denomina de morfologia não-concatenativa, outros processos, como a parassíntese, podem ser mais bem analisados com um aporte que alie a descrição estrutural à investigação das motivações cognitivas. A observação da língua em uso nos permite, além dos aspectos formais, verificar tanto as motivações para a criação de novas palavras quanto os sentidos que tais formações evocam. Mas que instrumento teórico tornaria possível o estudo da interface morfologia-semântica?

**Breve apresentação: a Lingüística Cognitiva**

A Lingüística Cognitiva (doravante LC), desfazendo crenças estruturalistas, trouxe para o centro das discussões, entre outros aspectos: (a) a verificação da motivação conceptual da gramática, (b) a importância da polissemia, (c) o papel desempenhado pelas metáforas e metonímias (agora alçadas à categoria de processos mentais e não mais como meras figuras de estilo), (d) a continuidade intrínseca aos diversos componentes gramaticais, do léxico à fonologia, e (e) a recuperação da diacronia para o entendimento da sincronia.

Se a gramática é conceptualmente motivada e, portanto, a motivação semântica é o ponto de partida, a morfologia, então, também o é. Analisar e descrever palavras, sobretudo as menos opacificadas pelo uso, as que são criadas praticamente *on line*, ou alimentadas por acontecimentos recentes, implica necessariamente desvelar o funcionamento da língua e permite lançar novos olhares sob antigos fatos.

Como explicar o valor semântico de "apagão", valor esse inequívoco para qualquer falante brasileiro atual numa frase como "Há perigo de "apagão" no sistema previdenciário nacional"? Claro está que a resposta se encontra na memória da língua, relacionada ao desastre recente do sistema elétrico. A conseqüência é constatar que o conhecimento lingüístico, entendido estritamente, é também conhecimento

enciclopédico, o que permite falar de "construção" do significado por um sujeito que não simplesmente decodifica significados prontos.

Ao serem desfeitas as fronteiras entre produtor (falante) e produto (as expressões), a língua passa a ser objeto de reflexão e descoberta e não um objeto distante a ser "aprendido". Se não se tem o conceito, como formulado por Fillmore (1990), de que significados são relativizados a cenas, como entender a sinonímia entre 'prisão' e 'cárcere' e a antonímia, decorrente do acréscimo de -eiro, entre 'carcereiro' e 'prisioneiro'? Mais: se a crença é de que os significados são produtos composicionais (a soma dos significados das partes é igual ao significado final do todo), como descrever a antonímia, se a derivação é realizada pelo mesmo sufixo? Aliás, como descrever as redes derivacionais no português? Tomemos como exemplo o já aludido sufixo -eiro, cujos produtos tanto podem designar agente ('jornaleiro'), quanto local ('galinheiro') e fenômenos naturais ('nevoeiro'), entre outras acepções.

A teoria estruturalista ensina que só há polissemia quando os falantes podem vincular os significados; caso contrário, o que se tem é homonímia. Mas por que os falantes insistem em produzir palavras por meio dessa derivação (haja vista criações bem recentes como 'brameiro' e 'caixeiro')[4]? Que tipo de conhecimento, ou habilidade de raciocínio, está subjacente?

Retomando o conceito acima (significados são cenas), verificamos (rápida e superficialmente) que um agente atua em determinado local, em certa circunstância. Com a atuação do processo de metonímia, que permite a associação de elementos contíguos (como em "Pega o meu Machado na estante", em que o livro é denominado pelo autor), agente, locais e cenas são associados e o processo de extensão é facilitado pela polissemia[5].

Os cruzamentos vocabulares – interposição de duas bases para formação de uma palavra – constituem uma nova evidência para a motivação conceptual da formação de palavras. Esse processo, do ponto de vista semântico, consiste em reenquadrar uma entidade em termos de outra ou designar uma nova entidade. Assim é que alguém educado na França denomina uma universidade brasileira de 'suburbone'. Similarmente,

[4] Os termos em questão provêm de 'Bhrama' e 'caixa', nesta ordem. Assim, o primeiro designa um consumidor habitual da cerveja e o segundo, um "profissional" especializado no roubo de caixas eletrônicos.

[5] Uma análise sobre a polissemia das formas X-eiro é feita em Almeida & Gonçalves (2006), que propõem uma rede para essas formações a partir do que chamam de cena agentiva.

as ‘boilarinas’ não são meras bailarinas, mas um tipo de bailarina a que se acrescem características bovinas, como excesso de peso e tamanho e falta de leveza. Nesses casos, soma-se ao reenquadre um comentário depreciativo. No entanto, os cruzamentos podem ter um valor simplesmente designativo, como em ‘ovonese’ (salada de maionese com ovos picados, mistura de maionese com ovo) e ‘namorido’ (namorado com funções sociais de marido), entre outros.

Ao lado das características morfofonológicas que propiciam o cruzamento, bastante exploradas no trabalho de Gonçalves (2005) e revisitadas em Andrade (2008), há outras, especificamente semânticas, que permitem perceber a diferença entre as duas subclasses de cruzamentos: (a) a depreciativa e (b) a designativa. Na primeira, o processo semântico-cognitivo para a formação é a metáfora: uma entidade de um certo domínio semântico é aproximada a outra, por analogia, de outro domínio, que lhe confere novas qualidades (‘PT’ (partido político) + ‘irmãos Metralha’ (personagens de HQ) = ‘PTtralha’). Já no caso dos cruzamentos designativos, o processo atuante é a metonímia, em que dois elementos do mesmo domínio são associados (domínio alimentação – ‘ovo’ + ‘maionese’ = ‘ovonese’; domínio bebida – ‘café’ + ‘chá’ = ‘chafé’).

É também com base na análise semântica que podemos explicar a convivência na língua de agentivos que são formados por -dor ou por -nte, tendo como *input* a mesma base. Por que temos ‘amante’ e ‘amador’, ‘escrevente’ e ‘escritor’, ‘professante’ e ‘professor’? Sob aquele aspecto, a diferença é que as palavras formadas por -nte implicam submissão ao evento especificado na base, enquanto as constituídas por -dor remetem ao domínio da ação expressa.

O estudo na interface morfologia/semântica permite ainda que se revisitem antigos fenômenos com novo olhar. Esse seria o caso dos compostos. A perspectiva tradicional informa que “a composição é um conceito sincrônico, independente da dedução de elementos lexicais que historicamente figuram nas palavras” (Mattoso Câmara Jr., 1968: 88).

A perspectiva Cognitivista sugere que o vocabulário das línguas reflete o percurso sistemático da extensão polissêmica que une o mundo sócio-físico ao epistêmico (sistema de crenças) e tende à pragmática (os significados não são mais lingüísticos, *stricto sensu*, mas convencionalizações de práticas sociais).

Como a polissemia, na LC, é propriedade central nas línguas, o Núcleo de Estudos Morfossemânticos do Português (doravante NEMP)[6] formula as seguintes hipóteses:

a) compostos formam padrões, que podem gerar redes a partir de centros prototípicos (Lakoff, 1987); e
b) processos cognitivos produtivos nos processos "mais gramaticais" (derivação) são igualmente produtivos na formação de padrões de compostos.

Para verificar as hipóteses, examinemos o caso que denominamos "a família de 'bolsa'". A palavra 'bolsa' provém do grego 'byrsa' (lat. 'bursa'), que significava "couro" – matéria de que era feita. Logo, sua constituição já se dá por processo metonímico. Como núcleo de composto, temos que suas formas mais básicas e habituais são: 'bolsa de estudos' (pensão gratuita dada a estudantes); 'bolsa de valores' (local ou instituição); 'bolsa de apostas' (local concreto ou abstrato). Vê-se que a estrutura do composto é X-Y em que X é bolsa e Y é finalidade expressa metonimicamente.

Se X, o vocábulo 'bolsa', é constante, por que representá-lo como X (variável)? A resposta se encontra na oscilação polissêmica de X nos produtos. Verifique-se que, nos compostos, X é sempre metonímia em relação a alguma de suas possibilidades de significação, tendo como fio condutor o aspecto "dinheiro". Então, em 'bolsa de estudos', X é metonímia de "pensão"; em "bolsa de valores, de "local (ou instituição) onde são feitas negociações financeiras" e em 'bolsa de apostas', "local concreto ou abstrato em que são feitos lances".

Dadas as condições sócio-históricas favoráveis (momento político em que há farta distribuição de "bolsas" pelo governo), surgem, na grande imprensa, as seguintes expressões: 'bolsa-ditadura', para expressar "gratificação governamental feita a perseguidos pelo governo militar", e 'bolsa-floresta', para representar "o ganho financeiro regular de empresas por meio da devastação regular da floresta".

Observe-se, então, que, embora a fórmula X-Y se mantenha, a relação passa a ser de causa (Y) em relação a X, que continua seu processo de desbotamento semântico, mantendo, com o original 'bolsa', alguns resquícios significativos, como o de doação a

[6] Grupo de pesquisa cadastrado no CNPq e liderado pelos autores deste artigo. O NEMP tem sede na Faculdade de Letras da UFRJ e abriga pesquisadores de várias instituições de ensino superior no Rio de Janeiro, entre elas a UFRRJ, a UERJ, a USM, a USS e a UNESA.

fundo perdido ou de regularidade de recebimento. Entretanto, o processo metonímico de Y se mantém: "ditadura" expressa repressão sofrida e "floresta", o lugar de onde se extrai a fonte de renda. No primeiro caso, então, os compostos expressam o mundo sócio-físico; no segundo, um sistema de crenças, já que as palavras exprimem comentários sobre o que referem.

Interessante notar a pragmatização das formações de compostos a partir de 'bolsa', com o comentário jocoso feito pelo escritor João Ubaldo Ribeiro em artigo intitulado "O Bolsa Blindagem". No texto, em que são comentadas criticamente as diversas "bolsas" em vigência, o autor imagina doações para que os pobres blindem suas casas, seus carros e o que mais fosse possível, o que, segundo Ubaldo, irritaria a "zelite". Nesse caso, volta-se ao primeiro padrão de formação, em que se encontra 'bolsa' usada para representar algo social, econômica e moralmente injustificável, neste momento em que se "blindam" coisas e cargos de governo[7].

É importante, ainda, mostrar que a ocorrência de um padrão motivador e a existência de extensões polissêmicas, associadas a processos figurativos, acontece em famílias de compostos, de um modo geral. Para verificar, é só observar a família de "guarda": 'guarda-chuva', 'guarda-roupa', 'guarda-copos', 'guarda-corpo', e assim por diante.

Do ponto de vista teórico, convém sublinhar que as conexões metonímicas observadas não são objetivas (já que decorrem do ponto de vista do sujeito enunciador), mas, também, não são subjetivas (porque não refletem um só sujeito, mas são acolhidas por uma comunidade de fala, que endossa a conceptualização dada).

Tais afirmações refletem as assunções da LC, que, dessa maneira, se diferencia das semânticas objetivistas (as que compreendem a língua como um sistema apartado de seus produtores) e das semânticas excessivamente subjetivistas, em que não há significados; só sentidos. Se a linguagem categoriza entidades por meio da experiência, tanto física quanto cultural, o léxico comprova tal fato.

**Palavras finais**

[7] Artigo publicado no *Correio da Manhã*, Goiânia, setembro de 2008. Informação dada em comunicação pessoal pela Prof Dra, Dinah Callou, a título de contribuição, a quem agradecemos.

Neste artigo, pretendemos mostrar que as análises na interface morfologia/semântica podem contribuir para um estudo reflexivo da língua portuguesa, proporcionando seu manejo de forma mais produtiva para o aprendiz. Para tanto, examinamos fenômenos bem conhecidos e ensinados na escola como processos derivacionais e composicionais, à luz da LC, sugerindo que a escola diminua a ênfase na metalinguagem e dê mais importância ao manejo da língua, aqui visto a partir da habilidade que os falantes têm de formas palavras novas a partir de outras já existentes.

**Referências bibliográficas**

ALMEIDA, Maria Lúcia & GONÇALVES, Carlos Alexandre (2006). Aplicação da construction grammar à morfologia: o caso das formas X-eiro. *Lingüística* (PPGL/UFRJ), v. 2, p. 229-242.

ANDRADE, Kátia Emmerick (2008). *Uma análise otimalista unificada para mesclas vocabulares do português do Brasil*. Dissertação (mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras.

FILLMORE, Charles (1990). The Contribution of Linguistics to Language Understanding. In: BOCAZ, A. (ed.). *Proceedings of the First Symposium on Cognition, Language and Culture*. Universidad de Chile, p. 109-128.

GONÇALVES, Carlos Alexandre (2004). Processos morfológicos não-concatenativos: formato prosódico e latitude funcional. *Alfa - Revista de Lingüística*, Araraquara, v. 48, n. 2, p. 30-66.

_____ (2005). Blends lexicais em português: não-concatenatividade e correspondência. *Veredas* (UFJF), Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 16-35.

LAKOFF, G. (1987). *Women, Fire and Dangerous Things:* What Categories Reveal about Mind. Chicago: University of Chicago Press.

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim (1968). *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis: Vozes.